

Hilozoísmo e pampsiquismo

Margaret Cavendish (1623-1673)



Margaret Lucas Cavendish, nascida com o sobrenome Lucas, tornou-se Duquesa de Newcastle-upon-Tyne (artista desconhecido).

“Carta XXX”, in *The Lady Marchioness of Newcastle, Philosophical Letters: or modest reflections upon some opinions in Natural Philosophy maintained by several famous and learned authors of this age, expressed by way of letters*, London, 1664, section I, letter XXX. A “Madame” a que ela se refere é provavelmente apenas “um tipo epistolar representando a possibilidade de uma troca feminina racional” (Diana Barnes). Na tradução, os longos períodos da carta foram quebrados em orações menores, e parágrafos foram introduzidos.

Online: <https://www.gutenberg.org/files/53679/53679-h/53679-h.htm>

Seleção feita por Osvaldo Pessoa Jr., para o curso de Teoria do Conhecimento e Filosofia da Ciência III (FLF0445), 2º semestre de 2021.

Carta XXX (1664)

Estou lendo agora os trabalhos daquele famoso e muito renomado autor, Des Cartes, dos quais pretendo escolher apenas aqueles discursos que gosto mais, e não examinar suas opiniões, como aparecem do início ao fim de seus livros. E, para fazer isso, escolhi em primeiro lugar o seu discurso sobre o movimento, sem concordar com sua opinião [ver meus *Philosophical and Physical Opinions*, parte 2, § 25], quando ele define o movimento como sendo somente o modo de uma coisa, e não a própria coisa ou corpo [*not the thing or body it selfe*]; pois, em minha opinião, não se pode abstrair o movimento do corpo, nem realmente, nem da maneira de nossa concepção, pois como posso conceber aquilo que não é, nem pode ser na natureza, ou seja, conceber movimento sem corpo? Portanto o movimento é algo uno com o corpo, sem separação ou abstração de qualquer tipo. Nem concorda com minha razão, que [*PPO*, § 40] *um corpo pode dar ou transferir movimento para outro corpo, e o quanto de movimento que ele dá ou transfere para aquele corpo, é o quanto que ele o perde. Como por exemplo em dois corpos rígidos jogados um contra o outro, onde aquele que é jogado com força maior leva junto o outro, e perde tanto movimento quanto ele dá para o outro.* Pois como pode o movimento, não sendo uma substância mais somente um modo, abandonar um corpo e passar para outro? Um corpo pode ocasionar ou imitar o movimento de outros, mas ele não pode nem dar nem retirar o que pertence à sua própria substância ou à de outros corpos, não mais do que a matéria pode deixar de ter a natureza de matéria.

E portanto minha opinião é que se o movimento de fato sair de um corpo e entrar em outro, então a substância também vai; pois movimento, e substância ou corpo, conforme mencionado acima, são todos uma coisa só. E assim, todos os corpos que recebem movimento de outros corpos requerem um aumento em sua substância ou quantidade, e aqueles corpos que passam ou transferem movimento devem ter a substância diminuída o tanto quanto ela aumenta no outro. Em verdade, *Madame*, é muito estranho que nem o Movimento e nem a Figura devam subsistir por si mesmos, mas que mesmo assim pudessem ser transferidos

para outros corpos; seria como provar que eles não são nada e dizer que eles são alguma coisa. Algo semelhante poderia ser dito de todos os outros, os chamados acidentes, como habilidade, aprendizado, conhecimento etc., dizendo que eles não são corpos, porque não têm extensão, mas são inerentes a corpos ou substâncias como seus sujeitos. Pois apesar de o corpo poder subsistir sem eles, mesmo assim, como eles estão sempre com o corpo, o corpo e eles são todos uma coisa só: e este é o caso da potência [*power*] e do corpo, pois o corpo não pode abandonar a potência, nem a potência o corpo, sendo tudo uma coisa só.

Mas retornando ao Movimento, minha opinião é de que toda a matéria é em parte animada e em parte inanimada, e toda matéria é movente e movida [*is moving and moved*], e não há parte da Natureza que não tenha vida ou conhecimento, pois não há Parte que não tenha uma mistura [*comixture*] de matéria animada e inanimada. E apesar de a matéria inanimada não ter movimento, nem vida e conhecimento de si mesma, como tem a animada, mesmo assim, por estar tão proximamente unida e misturada em um corpo, a inanimada se move [*the inanimate moves*] como a animada, mas não da mesma maneira. Pois a animada se move por si mesma, e a inanimada se move devido à ajuda da animada, e assim a animada é movente e a inanimada movida.

Não que a matéria animada transfira, infunda ou comunique seu próprio movimento para a inanimada, pois isso é impossível, pela razão de que ela não pode se afastar de sua própria natureza, nem alterar a natureza da matéria inanimada, mas cada qual retém sua própria natureza. Pois a matéria inanimada permanece inanimada, ou seja, sem auto-movimento, e a animada nada perde de seu auto-movimento, o que seria perdido se ela passasse ou transferisse seu movimento para a matéria inanimada. Mas como falei até agora, a inanimada trabalha ou move com a animada, por causa da sua união e mistura próximas, pois a animada força ou causa a matéria inanimada a trabalhar para ela. E portanto uma é a movente, a outra a movida, e conseqüentemente há vida e conhecimento em todas as partes da natureza, pela razão de que em todas as partes da natureza há uma mistura de matéria animada e inanimada. E esta Vida e Conhecimento são sentido e razão [*sense and reason*], ou movimentos corpóreos sensitivos e racionais, que são todos uma coisa só com a matéria animada, sem qualquer distinção ou abstração, e tanto não pode abandonar a matéria quanto a matéria não pode abandonar o movimento. Portanto, cada criatura, sendo composta desta mistura de matérias animada e inanimada, também tem auto-movimento, ou seja, vida e conhecimento, sentido e razão, de maneira que nenhuma parte tem necessidade de dar ou receber movimento para com outra parte, apesar de que ela pode ser uma ocasião de tal modo de movimento para uma outra parte, e causá-la a se mover de tal ou qual maneira.

Por exemplo, um relojoeiro não dá para o relógio o seu movimento, mas ele é somente a ocasião para que o relógio se mova de acordo com aquela maneira, pois o movimento do relógio é de propriedade do próprio relógio, inerente naquelas partes desde o início da matéria. E se o relógio parar de se mover de acordo com essa maneira, mesmo assim aquela maneira de movimento estará naquelas partes da matéria das quais o relógio é feito. E se várias outras figuras vierem a ser feitas a partir daquela matéria, a potência de movimento, de

acordo com a dita maneira ou modo, ainda permaneceria em todas aquelas partes da matéria, desde que elas sejam corpo e tenham movimento dentro de si. Portanto, um corpo pode ocasionar um outro corpo a se mover de tal ou qual maneira, mas não lhe dar qualquer movimento, pois todo corpo (apesar de ocasionado por outro a se mover de tal maneira) se move devido a seu próprio movimento natural.

Pois auto-movimento é a própria natureza da matéria animada, e isso tanto em corpos rígidos quanto fluidos, apesar de seu *Autor* negar isso, falando [PPO, parte 2, § 54]: *A natureza de corpos fluidos consiste no movimento daquelas pequenas partes insensíveis nas quais estão divididos, e a natureza dos corpos rígidos quando aquelas pequenas partículas estão juntas, unidas proximamente, e em repouso.* Pois não há repouso na natureza. Portanto, se houvesse um Mundo de Ouro e um Mundo de Ar, eu na verdade acredito que o Mundo de Ouro seria tão ativo interiormente quanto o Mundo de Ar o é exteriormente. Pois os movimentos da Natureza não são todos externos ou perceptíveis para nossos sentidos, e nem são eles todos circulares, ou de apenas uma variedade, mas há infinitas mudanças e variedades de movimento. Pois apesar de eu ter escrito em minhas *Philosophical Opinions* [PPO, parte 1, § 5], *como não há mais do que uma Matéria, então não há mais do que um Movimento*, eu não quis dizer que há só uma variedade particular de movimento, como circular, ou retilíneo, ou algo assim, mas que a natureza do movimento é uma e a mesma, simples e inteira em si mesma, ou seja, ela é meramente movimento, ou nada mais do que movimento corpóreo. E como há infinitas divisões ou partes da matéria, assim também há infinitas mudanças e variedades de movimentos, o que é a razão pela qual eu digo que o movimento é também infinito como a matéria. Primeiro, matéria e movimento são somente uma coisa, e se a matéria é infinita, o movimento também deve sê-lo; segundo, o movimento é infinito em suas mudanças e variações, assim como a matéria é em suas partes. E isso é tudo, por hora, sobre o movimento; nada mais adiciono, mas descanso.

Madame,

Sua fiel amiga e serva.



Banner da capa do livro de Margaret Cavendish, de ficção científica e utópica, O mundo resplandecente (The blazing world, 1666), tradução de Milene Baldo, Plutão Livros, São Paulo, 2019, arte de Paula Cruz.